

RESGATE DA SAÍBA

OS PRIMEIROS 100 ANOS
DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE TEÓFILO OTONI

Pastor Walter J. Schlupp

Organização e tradução comentada: Walter O. Schlupp

Prefácio do tradutor	p. 2
Mensagem pelo Centenário da Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni.....	p. 4
Como se formou a Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni.....	p. 8
Cronologia.....	p. 20

Prefácio do tradutor / organizador

Os textos do pastor W.J. Schlupp aqui apresentados foram redigidos em alemão entre 1955 e 1962. Alguns conteúdos estavam destinados a ser incluídos no livro comemorativo "100 anos de Colonização Alemã em Teófilo Otoni."¹ Por motivos que desconhecemos, não o foram. Usando imagem ligada a pedras preciosas, de tanta tradição em Teófilo Otoni, pode-se dizer que essas gemas de texto ficaram muito tempo jogadas na saíba, entulho de pedra descartada, considerada sem valor. Foram resgatadas com muito zelo, conforme descrito abaixo, sendo agora traduzidas e publicadas postumamente. Explicamos:

No ano de 2000 o sr. Georg K. A. Fuchs, tradutor em Belo Horizonte, gentilmente transcreveu os originais, manuscritos em letra "gótica", ou mais corretamente, em grafia alemã Sütterlin, que caiu em desuso após a 2ª Guerra Mundial e hoje em dia poucos sabem ler, mesmo alemães.

Seguem observações preliminares do punho do próprio Sr. Fuchs, que ele formulou em alemão e aqui traduzimos:

"O pastor emérito Walter Dörr, atualmente residente em Cristalina, Goiás, emprestou-nos gentilmente abundante material que nos ajudará a atender a solicitação do cônsul honorário da Alemanha em Belo Horizonte, no sentido de reunir material sobre a atuação de alemães e descendentes de alemães em Minas Gerais. Referido pastor Dörr por longo tempo atuou em Teófilo Otoni como pastor de comunidade, tendo sido fundador e diretor por muitos anos do Internato Rural. O pastor Walter J. Schlupp também foi pastor por bastante tempo em Teófilo Otoni e publicou, em 1979, um livro [em alemão] com o título "*Erinnerungen*"², que também se encontrava entre a documentação apresentada pelo pastor Walter Dörr. Ali, na página 88, consta que o livro publicado por Max Rothe em 1956 por ocasião do centenário da fundação de Teófilo Otoni nem de longe aproveitou todo o material histórico disponível, porque o autor [M. Rothe] não teria entrado em contato com ele, embora ele [W.J.Schlupp] tivesse reunido farta documentação."

¹ ROTHE, Max et al. "100 anos de Colonização Alemã em Teófilo Otoni – Breve histórico organizado por Max Rothe, com colaboração de Pastor Anselm Schueler e Libório Zimmer" como tradutores de cartas e relatos em alemão. Composto e impresso nas oficinas gráficas do Correio Serrano, Ijuí, 1956.

² SCHLUPP, Walter. *Erinnerungen*. São Leopoldo: Sinodal, 1979. Adaptação brasileira: "Vasos de barro; ou: Deus caça mesmo com gatos". Editora Rotermund, São Leopoldo, 1983.

"Recebemos também um caderno de capa dura, contendo rascunhos e anotações em escrita gótica, em parte a lápis. São trabalhos preparatórios para uma publicação comemorativa do centenário da Igreja Evangélica em Teófilo Otoni em 1962; a maior parte dessas informações não consta no mencionado livro do pastor W.J. Schlupp. Como se trata de esboços, há numerosas correções, palavras riscadas, colocadas entre parênteses, inserções, abreviaturas, glosas e notas do rodapé. Como o conteúdo parece ser relevante, tentamos reproduzir tudo da forma mais fiel possível. Em algumas ocasiões a escrita do autor é de difícil leitura, de modo que podem acontecer erros de transcrição principalmente no caso de nomes próprios, cujos portadores não conhecemos. Georg K. A. Fuchs, em agosto de 2000."

Até aqui as observações do Sr. Fuchs, de saudosa memória. Fica o agradecimento póstumo ao mesmo pelo seu empenho em transcrever os originais manuscritos; igualmente ao Pastor Walter Dörr, recentemente falecido, o qual por muito tempo parece ter guardado os originais.

Recebemos, então, das mãos do Sr. Fuchs a transcrição dos originais, que mencionam fatos até 1959. Esses originais não tiveram redação final pelo autor, o que explica algumas deficiências textuais. Como várias pessoas manifestaram que são de interesse público, resolvi traduzi-los e colocá-los à disposição dos meus conterrâneos teófilo-otonenses. Inseri complementos elucidativos [entre colchetes], além de comentários em notas de rodapé.

Somente depois de praticamente concluída esta tradução tomamos conhecimento da notável publicação de Dalva Neumann Keim³. Esperamos que, mesmo assim, esta tradução contribua com informações adicionais para o resgate da memória teutodescendente em Teófilo Otoni.

Setembro de 2013, Walter O. Schlupp⁴

³ Dalva Neumann Keim, "Pastor Johann Leonhard Hollerbach e Teophilo Benedicto Otoni", 2012, Composição e impressão: Artes Gráficas Modelo, Teófilo Otoni, 456 p.

⁴ Tradutor público juramentado e intérprete de conferências nos idiomas alemão e inglês. Em Teófilo Otoni, é mais conhecido como violinista. Nessa qualidade, integrou por 22 anos os primeiros violinos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre. É filho do autor. E-mail: schlupp@sinos.net.

MENSAGEM PELO CENTENÁRIO DA COMUNIDADE EVANGÉLICA DE TEÓFILO OTONI [1962]

. "Deus saúde você" pelo seu Centésimo Aniversário, querida Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni! Essa saudação típica da Suíça e do sul da Alemanha certamente se justifica aqui, mesmo que seus fundadores tenham vindo de todos os recantos alemães e também de regiões fora da Alemanha; afinal de contas, havia suíços entre os primeiros imigrantes, seu primeiro cura d'almas [Pastor Hollerbach] veio de Baden, tendo sido enviado da Basileia [Suíça].

Pedem que eu conte para você e seus amigos a história da sua vida. Só que isso não vai dar em nada. Essa empreitada talvez teria sido possível no século 18, quando homens ainda choravam ao entoar canções como "*Es fiel ein Reif in der Frühlingsnacht*" ["Caíu geadado em noite de primavera"]; ou no século 19, quando as pessoas tinham tempo para pesquisar o passado. Nos dias de hoje, o máximo que se conseguiria fazer é persuadir um professor catedrático a que mande seu doutorando pesquisar sobre o tema "História da comunidade de Teófilo Otoni sob a ótica da história geral, da sociologia, da economia, da etnologia e da história da Igreja." Quem mais teria tempo, hoje em dia, para pesquisar a história local? A destruição de grande parte do arquivo da comunidade em 1942⁵ deixou grandes lacunas no material que poderia servir de fonte para tanto. [O autor riscou no manuscrito: "Na ocasião, também a minha Bíblia Hebraica {= Antigo Testamento em hebraico} foi queimada {em praça pública} como literatura nazista; afinal de contas, quem poderia saber que escrita secreta era aquela que os alemães tinham inventado?" {Fim do riscado}] Além disso, de uma descrição histórica se espera que ela não melindre a ninguém, ou seja: "Lave-me, mas não me molhe!" Certamente você [prezada comunidade] vai ter que ficar mesmo deslavada, já que a publicação pelo centenário [da colonização alemã] em 1956 deixou você incólume, para não incomodar ninguém.

Mesmo assim resta bastante o que contar. Só que uma narrativa não consegue retratar a sua história. Mesmo obras historiográficas que nem tratam de comunidades religiosas, inclusive por causa do viés dos historiadores, são necessariamente inverídicas, porque não conseguem pesquisar de modo confiável o mais importante, que é aquilo que Deus pretendia com essas pessoas: Como seguiram sua condução

⁵ Referência ao quebra-quebra que em todo o Brasil se voltou contra alemães, italianos, japoneses, seus descendentes e organizações. N. do trad.

ou resistiram a ela? Quais eram as mais íntimas motivações das decisões tomadas pelas pessoas que influenciaram a história? Até que ponto as pessoas e os povos atingiram o objetivo que o Senhor da História lhes tinha colocado? De que maneira Deus mostrou ser enxadrista melhor, que, para a execução dos seus planos, soube aproveitar até mesmo as jogadas contrárias dos seus adversários? – Ora, se nem o coração das pessoas conseguimos enxergar, quem poderia achar que está sentado no gabinete de Deus [de modo a ficar a par dos seus desígnios]? (Romanos 11,33-34.) A história real não consiste em enumerar acontecimentos, ignorando aquele que guia os corações das pessoas como ele guia os arroios. Por isso somente profetas conseguem escrever história autêntica. O que importa não é a exatidão histórica, e sim mostrar as pegadas de Deus. Nesse sentido genuíno talvez só exista um único livro de História: a Bíblia. Pois ali fala quem tem legitimação para interpretar aquilo que acontece:

“Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vocês não quiseram. Eis que a casa de vocês ficará deserta.”⁶

Mas também tem o outro lado:

"Consolem, consolem o meu povo, diz o Deus de vocês. Falem amistosamente com Jerusalém e comuniquem que ela já cumpriu a sua servidão, pois sua falta está perdoada; tendo recebido da mão do Senhor em dobro por todos os seus pecados. [...] Toda a humanidade é como a relva, e toda a sua glória, como as flores do campo. A relva murcha e cai a sua flor, mas a palavra do Senhor fica eternamente." (Isaías 40)

"Essa é a palavra do Senhor, que foi proclamada entre vocês," escreve Pedro a respeito [dessa passagem em Isaías]. "E vocês renasceram por conta dessa palavra viva de Deus. Isso confere à vida de vocês um valor imperecível." (1Pedro 1, [22-23])

Com isso já nos encontramos em plena história sua, cara comunidade. A própria história das nações recebe daí o seu sentido, conforme escreve Lucas: "Deus concede o sopro da vida a todos e a tudo; determinou quanto tempo e até onde deverão morar, para que busquem a Deus, para ver se o conseguem sentir e encontrar... Acontece que ele manda os seres humanos em todos os confins do mundo voltar-se para ele. Ele estipulou um dia no qual julgará o orbe terrestre com

⁶ Mt. 23, 37s. Ou seja: quantas vezes Deus tentou reunir a comunidade debaixo da sua palavra, mas ela preferiu ignorar o chamado? N. do trad.

justiça por meio de um homem por ele determinado, oferecendo a todos a fé ao ressuscitá-lo dentre os mortos." (Atos dos Apóstolos 17).

Em última análise, não se trata de guerra ou paz, de saúde ou doença, de prosperidade ou empobrecimento, a questão não é desenvolvimento cultural ou recaída no primitivismo⁷. O que importa mesmo é se as pessoas, nos altos e baixos do cotidiano, nos êxitos e nos fracassos, na vida e na morte, cheguem mais perto de Deus ou não, permitam ser [por ele] cavalgadas ou não⁸; se se deixem integrar no corpo de Cristo; se estão ligadas à videira como ramos viçosas e frutíferas. O que importa é que a semente da palavra de Deus amadureça nos corações, dando frutos.

Essa é realmente a questão ao falarmos da história da comunidade. O que interessa mesmo não é a beleza do templo, não são "os adversários"⁹, não é questão do que seria realmente "de direito", não é o caráter desse ou daquele pastor, por mais importante que seja tudo isso, uma vez que poderá tolher ou contribuir para o efeito da palavra de Deus.

Na verdade, a história da comunidade consiste no modo como a palavra de Deus nela foi proferida e aceita; consiste em como ela e seus membros estiveram ligados ao líder Cristo, assim se tornando uma comunidade de irmãos; [a história da comunidade] consiste no seu envolvimento no sentido de ser a luz do mundo e o sal da terra no quinhão que lhes tocava.

Essa sua história, cara comunidade, está escrita no livro de Deus e será lida na nossa presença naquele dia rumo ao qual todos caminhamos.

Por isso Paulo escreve: "Vocês não devem julgar antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual mostrará também aquelas coisas que estão ocultas no escuro, e que revelará a decisão de cada coração; então cada qual receberá o elogio

⁷ Aspecto relevante no contexto do *Kulturprotestantismus* preponderante no meio evangélico alemão até o início do século XX. N. do trad.

⁸ Provável alusão a Lutero, que teria dito: a pessoa é cavalgada ou por Deus, ou pelo diabo. N. do trad.

⁹ "*die Gechner*", entre aspas no original, não existe em alemão. Trata-se aparentemente da transliteração de pronúncia regional do termo "*Gegner*" = adversário, opositor (talvez ouvido pelo autor da boca de alguém da comunidade logo após a divisão da mesma). Como se percebe abaixo, trata-se provavelmente dos adversários do Pastor Bielefeld, que acabaram contactando outra igreja luterana para atendê-los. N. do trad.

que lhe couber da parte de Deus... Que ninguém, para se opor a outra pessoa, alegue estar se baseando em fulano ou beltrano.¹⁰ (I Coríntios 4)

Acredito que, nesse dia, quando nos for lida essa história da comunidade, anotada no céu, vamos ficar muito surpresos, tanto nós ex-pastores quanto os antigos e vocês atuais membros da comunidade. Pensando bem, acho que ficaremos apavorados ao ouvir a história da comunidade anotada junto a Deus. Acho que então **não** vamos ouvir "Olha só o que os malvados não-protestantes aprontaram com a comunidade, as malvadas pessoas de origem diferente, os malvados agitadores¹¹, os malvados pregadores sectários, os malvados renegados, os malvados adversários, os malvados pastores, os malvados algozes dos pastores, os malvados sabichões!" – Isso, para não falar da consciência suja em todos aqueles pai-nossos nos quais rogamos que Deus nos perdoe as nossas ofensas quando nem tínhamos perdoado aqueles que nos tinham ofendido...

Querida aniversariante, ao completar 100 anos você terá idade suficiente para entender que minha intenção não é estragar a sua festa com esse tipo de conversa. Apenas estou tentando evitar que, no seu aniversário, você diga algo como "Agradeço-lhe, ó bom Deus, que continuamos fiéis e hoje estamos aqui novamente, apesar de toda aquela gente malvada que prejudicou ou traiu a comunidade. Nós somos melhores que os outros. A culpa de tudo é dos outros. Estamos branquinhos como a roupa recém-‘quarada’¹². Até que conseguimos bastante, apesar das circunstâncias tão desfavoráveis!" – Essa presunção teria estragado a festa de aniversário. Mesmo no culto do centenário será melhor falarmos como o publicano¹³: "Deus, tenha misericórdia de mim! Senhor, compadeça-se de nós!" Tomara que não o façamos apenas da boca para fora, só porque essa frase faz parte do rito litúrgico.

Meu desejo sincero é que nessa história da comunidade (ainda oculta) também conste o seguinte: "Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!"¹⁴ – E mais: "Venham, benditos de meu Pai! Recebam como herança o reino que lhes foi preparado desde a criação do mundo." (Mateus 25).

A sua história, cara comunidade evangélica, está anotada no céu. Ela faz sentido a partir do seu final, ela visa uma meta que rege todo trabalho, toda atividade,

¹⁰ Aparente alusão ao conflito que levou à divisão da comunidade. N. do trad.

¹¹ Agitadores certamente houve por ocasião do quebra-quebra em 1942. N. do trad.

¹² Pronúncia teofilotonense de “corada” (clareada ao sol). N. do trad.

¹³ Alusão a Mt 18,13. "Publicano" é o jeito bíblico tradicional para se referir a fiscal / exator da receita pública, detestado e tido como corrupto no Novo Testamento. N. do trad.

¹⁴ Mt 25, 21. N. do trad.

todos os avanços e retrocessos havidos. Mesmo quando Deus bateu você, as intenções dele eram de paz e bem¹⁵.

Cara comunidade, não diga: "Eu queria ler a minha história, não um sermão." Sermão ou não, espero contar-lhe o essencial da sua história, inclusive colocando certas coisas na perspectiva adequada. Entre as coisas que vou contar agora, algumas tratarei com mais detalhes.

Apresento agora alguns dados da sua história "exterior", sem pretensão de apresentar tudo, nem de satisfazer os critérios da historiografia científica. O que posso contar aqui é coisa pouca.

COMO SE FORMOU A COMUNIDADE EVANGÉLICA DE TEÓFILO OTONI

A criação dessa comunidade não se deu pelo fato de grupos inteiros de famílias procurarem uma nova pátria por razões religiosas, onde pudessem praticar sua fé sem ser incomodados por governos de crença diferente, como por exemplo os *Pilgrims* e os luteranos separados, que migraram para a América do Norte. A formação dessa comunidade também não se deveu ao fato de vilarejos inteiros serem induzidos a emigrar por causa da situação política ou por quebras de safra, nem por suas lucubrações sobre o profeta Daniel e sobre o Apocalipse de João, procurando reunir-se antes do retorno em Gosen (que eles procuravam na Geórgia, Cáucaso), como foi o caso dos colonos do Mar Negro¹⁶, cujos povoados receberam privilégios especiais do czar russo. Nem tampouco foi resultado da emigração em massa de trabalhadores rurais da Pomerânia e Hunsrück, que queriam ser donos de si mesmos e colonizaram regiões inteiras¹⁷, de modo inclusive a assimilar um que outro indivíduo de origem étnica diferente, presente na mesma região. (Um recruta negro do sul do Brasil, transferido para o Rio, teria dito a seus antigos amigos de infância [em dialeto:] "*Mir deutsche Buam misse jetz z'sammehalte*", "Nós, que somos a galera alemã, precisamos mostrar união.")

A comunidade de Teófilo Otoni também não se formou em função de comerciantes que foram morar ali para fazer negócios melhores do que na antiga pátria, para, depois de algumas décadas, se darem conta de que talvez seria conveniente ter um pastor para atender batizados, casamentos e sepultamentos e

¹⁵ *Heil*, tradicionalmente traduzido por "salvação". N. do trad.

¹⁶ Provável alusão a menonitas. N. do trad.

¹⁷ O autor aqui contrasta os imigrantes alemães de T. Otoni com aqueles que se fixaram em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, por ex., onde povoaram regiões inteiras com certa exclusividade. N. do trad.

também para dar uma melhorada na moralidade dos adolescentes degenerados, além de animá-los a preservar o idioma dos seus pais.¹⁸

Não, no início da história da nossa comunidade estão mesmo é miséria e desilusão. Quando o primeiro o pastor veio ter com vocês, a motivação dele não era o desejo de conhecer outros países ou receber um adicional sobre o salário em função do trabalho em país estrangeiro. A intenção dele também nada tinha a ver com algum senso de superioridade, querendo levar para as pessoas na América do Sul as mais recentes conquistas da teologia ou coisa que o valha¹⁹; o que esse primeiro pastor tinha, sim, era muito medo, e uma obediência que não "consultava carne e sangue"²⁰, mas procedeu como Jeremias, para quem Deus ficara forte demais, ouvindo as palavras: "Não diga: 'Sou muito novo!' Você vai para onde eu mandar, e vai pregar o que eu disser! Não se assuste na frente deles, para que eu não assuste você diante deles; pois hoje eu quero transformar você em cidade-fortaleza, em coluna de ferro, em muro de bronze, de modo que eles, ainda que resistam a você, não o conseguirão derrotar; pois eu estou com você, diz o Senhor, para salvá-lo." (Jeremias 1).²¹

A história da Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni começou em 1856, quando entre os primeiros imigrantes alguns haviam trazido a Bíblia e o hinário. Pelo batismo e pela confirmação tinham-se tornado membros integrantes da igreja evangélica, já em sua antiga pátria. Porém um olhar mais detido observará o seguinte: eram provenientes de diferentes igrejas provinciais e de igrejas de cantões suíços, uma vez que vinham da Saxônia, da Suíça e de outros países vizinhos, integrando, portanto, diferentes organizações que se criaram a partir do século 16 pelo fato de o papa e o imperador terem excluído da Igreja Católica os adeptos da Reforma, de modo que os governos, laicos, tiveram que assumir, cada qual em seu território, a reorganização dos assuntos eclesiásticos. Podiam fazê-lo, já que também eram cristãos. Mas havia uma coisa para a qual não tiveram competência

¹⁸ Possível alusão a alemães bem-sucedidos no Rio, São Paulo, Porto Alegre etc. N. do trad.

¹⁹ Possível alusão a pastores alemães imbuídos de germanismo exagerado. N. do trad.

²⁰ Isto é, não consultava pessoas humanas. Alusão a Gálatas 1,16. N. do trad.

²¹ Aqui cabe fazer um paralelo com o próprio autor: Ao "estudar para pastor", ele não pretendia vir para o Brasil, mas atender comunidades luteranas "alemãs" na Rússia, que era sua terra natal (Volínia). A situação política nesse país, comunista na época, que expulsava e perseguia pastores luteranos como o próprio pai dele, não lho permitiu. Mais: a formação teológica que a Alemanha (Stettin) lhe proporcionou estava formatada para o trabalho fora do país e não permitia que ele assumisse ministério na própria Alemanha. Única opção profissional que lhe restou foi vir para o Brasil. Daí o paralelo com a passagem em Jeremias: "Você vai para onde eu mandar, e vai pregar o que eu disser!" N. do trad.

suficiente: a criação de uma grande igreja evangélica que transcendesse as fronteiras dos seus países. Seguindo a lei da inércia, as estruturas então criadas mantiveram a designação "Igreja" ao longo dos séculos, mais especificamente como "igrejas provinciais" debaixo do padroado do respectivo soberano ou das prefeituras das chamadas "cidades livres", ou dos governos dos cantões suíços. Em suma: na colonização do vale do Mucuri juntaram-se integrantes das mais diversas igrejas provinciais ou territoriais.

Ora, qual autoridade eclesiástica, então, seria responsável por atendê-los na esfera espiritual? O rei da Saxônia, que era católico? O rei da Prússia [protestante]? O governo de Württemberg? Da cidade de Hamburgo? Do cantão de Luzerna? Todos esses não tinham competência para intervir em questões fora das suas fronteiras. Quem emigrasse, estava perdido como contribuinte do fisco e para o serviço militar, uma vez que se mudava para um país fora da sua jurisdição. Até mesmo se esses governos e os administradores por eles nomeados quisessem cuidar dos emigrados, isso jamais teria dado origem a uma Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni, e sim a uma série de comunidades anãs: a dos imigrantes vindos do Vogtland [na Saxônia], a dos suíços, a dos prussianos e assim por diante; Teófilo Otoni precisaria de mais de meia dúzia de pastores, dos quais alguns seriam luteranos, outros "unidos" [*uniert*, uma denominação confessional] ou "reformados" [i. é, calvinistas], dependendo do seu voto de ordenação e obedecendo às diretrizes de cada ministério para assuntos eclesiásticos do respectivo país. Também poderia ter começado uma "guerra de conquista", política adotada mais recentemente pelos luteranos que se separaram²². Esses imigrantes estavam condenados a morrer por desnutrição cultural [*Kulturdüngertod*], se não tivessem a sorte incrível de existir o Instituto de Missão da Basileia [*Basler Missionsanstalt*], que não pensava em termos de igrejas territoriais ou de igreja dessa ou daquela denominação, mas tinha adotado como máxima para seu trabalho o evangelho e a salvação das almas no mundo inteiro. Ora, que sentido faz comunicar o evangelho aos pagãos quando há cristãos privados de ouvi-lo? Isso seria uma contradição; por isso o Instituto de Missão da Basileia não mandava missionários apenas para os "selvagens", mas também enviou pessoas com a missão de congregar e pastorear o rebanho disperso.

É por isso que o pastor Johann Leonhard Hollerbach veio para o Brasil. Mais informações sobre sua personalidade, sua vida e atuação constam em suas cartas

²² Alusão à IELB, "missuriana", como se costumava denominar a nova igreja luterana a se formar, em parte com base em defecções nas comunidades luteranas originais (como foi o caso em T. Otoni). N. do trad.

reproduzidas nesta mesma publicação²³ e também na palestra comemorativa proferida em 1953.²⁴

Não deixa de ser um feito impressionante ele ter conseguido unir numa única comunidade imigrantes provenientes das mais diferentes denominações evangélicas; em 1863 eles já criavam os estatutos da comunidade, cuja versão original infelizmente desapareceu em 1942²⁵. Na época de Hollerbach, em 1868, foi construída a igreja na Praça Germânica, concedida pelo governo à comunidade para esse fim. O respectivo documento infelizmente se perdeu, de modo que a prefeitura depois foi gradativamente liberando essa praça para outros prédios.²⁶ Naquilo que resta da praça, encontra-se hoje o Monumento ao Imigrante. Em 1880, a comunidade recebeu os terrenos nos quais foram construídas a antiga casa pastoral e a antiga escola²⁷, que na época do pastor Mentler era chamada de "escola nova". No mesmo lote foram construídas em 1939 a nova casa pastoral²⁸ e, até 1953, a nova igreja.

O pastor Hollerbach, com a maior naturalidade, pregava em alemão, francês e português. Até 1937, seus sucessores limitaram-se a pregar quase que exclusivamente para aquelas pessoas que entendiam alemão.²⁹ Isso, apesar de o pastor Schurich [na comunidade em 1902-1908] ter constatado que, na cidade, a língua materna dos membros da comunidade era "preponderantemente o português"! Sobre a personalidade e o trabalho do pastor Schurich os trechos de cartas aqui publicados³⁰ pela primeira vez oferecem informações em primeira mão. Que época

²³ Cfe. mencionado, o autor aparentemente contava com a publicação deste texto no livro comemorativo "100 Anos de Colonização Alemã". Ali são reproduzidos trechos de cartas do Pastor Hollerbach nas p. 18ss no segmento em português, p. 12ss no segmento em alemão. N. do trad.

²⁴ Abaixo, no último parágrafo, é mencionada uma palestra em 10 de julho de 1956, provavelmente proferida pelo autor. N. do trad.

²⁵ No quebra-quebra em que foram depredadas a igreja etc. N. do trad.

²⁶ No lote da igreja foi criado depois o Grupo Escolar T. Otoni. Hoje rua Francisco Sá 40. N. do trad.

²⁷ Junto ao cruzamento da rua Capitão Leonardo com rua Getúlio Vargas. N. do trad.

²⁸ Rua Dr. Onofre 32. Nos anos 1950 morava em frente Otto Laure, pai de Adolfo, "Calé" (possivelmente derivado do diminutivo alemão *Karle*), Walter e Vera Laure. O Sr. Otto teria comentado que o terreno junto à casa tinha servido de local para descarte de pedras garimpadas consideradas sem valor, mas que décadas mais tarde, com o esgotamento da extração, seriam consideradas valiosas, de modo que valeria a pena garimpar o terreno. O terreno da casa pastoral é, então, praticamente uma saíba desativada. Adolfo e eu ali passamos boa parte da nossa infância e bem me lembro de termos encontrado pedras de aparência que nos chamou bastante a atenção. N. do trad.

²⁹ Cabe lembrar que todos esses pastores foram enviados da Alemanha para atender pessoas que, segundo o direito alemão (*ius sanguinis*; cf. abaixo nota 67), eram alemãs. N. do trad.

³⁰ Ao contrário do que sugere o autor, na publicação "100 Anos de Colonização Alemã" nada consta de autoria do Pastor Schurich. N. do trad.

privilegiada era essa, quando um recém-formado do *Domkandidatenstift*³¹, que tinha exercido seu vicariato sob um prelado-mor [*Generalsuperintendent*] de Berlim, se dispôs a assumir por seis anos a comunidade de Teófilo Otoni, que naquela época era considerada um cafundó-do-judas! Entre outras iniciativas, ele fundou uma "Associação de Senhoras e Moças"³², a qual, em 1909, foi transformada numa Ordem Auxiliadora de Senhoras [OASE], quando [o prelado-mor na Alemanha, *Generalsuperintendent* D.] Zoellner conclamou a que se fundassem organizações desse tipo pelo Brasil afora; isso foi já na época do pastor Mentler. Significa que a OASE de Teófilo Otoni, na verdade, já existia antes de 1909.

O pastor Schurich faleceu em 2.3.1951 em Schleusingen. Foi na época dele que a comunidade recebeu seu atual cemitério. Sobre o período de atuação do pastor Mentler (1908-1914) nada consta que chame a atenção. Naquela época a escola da comunidade contratou uma professora de português. [...] Foi construído o salão da escola. O pastor Mentler faleceu na Alemanha em 1931.

O período de atuação do pastor Fricks (1914-1920) coincidiu praticamente com a Primeira Guerra Mundial. Durante um sepultamento, um fanático ameaçou matá-lo assim que proferisse uma palavra em alemão. O pastor Fricks faleceu em 6.6.1952 em *Brögbern bei Lingen* ([vale do rio] Ems). - Na época do pastor Pagé tudo continuou em ritmo normal (1921-1927). A escola foi assumida por uma Associação Escolar. Contratou-se uma irmã enfermeira-de-comunidade [*Gemeindeschwester*]. Nessa época, chegavam novos imigrantes alemães.

O pastor Bielefeld (1927-1935) criou o boletim da comunidade, levantou o nível do canto comunitário e fundou o internato para alunos e confirmandos³³ (à noite, as duas salas de aula serviam de dormitórios). A comunidade filiou-se ao Sínodo Brasil Central. Usando o nome da comunidade, a OASE comprou o prédio no qual pretendia criar algo semelhante ao Amparo Feminino do Rio de Janeiro³⁴. Como já na época do pastor Holl[erbach], nem todos concordavam com a exigência do pastor Bielefeld de assumir um cristianismo decidido. Certo médico, que depois também criou problemas em outra comunidade, acabou virando inimigo de Bielefeld³⁵; acontece que a OASE não concordava em continuar financiando o pequeno hospital que esse médico divulgava como sendo clínica "sua". Além disso, a diretoria da Associação Escolar

³¹ Renomada faculdade de teologia em Berlim. N. do trad.

³² Em alemão, o termo é *Jungfrauen*, termo que hoje em dia só é usado para virgens. N. do trad.

³³ Na igreja luterana, jovens de 12 a 13 anos são iniciados/as na doutrina para então "confirmar" a fé na qual foram batizados, daí o termo "confirmandos". N. do trad.

³⁴ Ancianato no bairro Rio Comprido. N. do trad.

³⁵ Cf. abaixo "1930". N. do trad.

não aceitou que confirmandos mais pobres, sem pagar nada, frequentassem as aulas do pastor na escola da Associação. Os pontos de atrito foram-se acumulando de modo a se formar um grupo de opositores do pastor Bielefeld, grupo esse que em 1930 exigiu que ele fosse afastado. Em função do conflito na escola veio o representante do Rio de Janeiro; na questão ligada à igreja, veio o prepósito [Propst] Funke. Nenhum dos dois conseguiu conciliar as partes; mas também não encontraram razões suficientes para deixar de apoiar o pastor [Bielefeld], o qual contava com a aprovação da grande maioria da comunidade.

Mesmo quando o pastor estagiário Busch veio ajudar o pastor, os "opositores" não se deram por satisfeitos. Quando o pastor Bielefeld voltou da sua licença na Alemanha³⁶, eles apelaram para outra igreja, a qual de bom grado atendia esse tipo de solicitação, como se observa em numerosas outras comunidades dos nossos sínodos.

Em 1935 Bielefeld acabou aceitando um convite para a comunidade de Campinho (Domingos Martins [ES]). Mesmo assim, seus adversários acharam que era tarde demais para voltar para a comunidade da qual tinham saído. Desde aquela época, os evangélicos [isto é, luteranos] em Teófilo Otoni estão divididos em duas comunidades. Pensando bem, esses dois grupos por muitos anos não tinham o direito de rezar a quinta prece do Pai Nosso³⁷, de tanto rancor que tinham uns contra os outros. A essas alturas, a maioria dos velhos já faleceu.³⁸ Como será que se estão entendendo no além? Seus descendentes acabarão pagando a conta daquilo que aqueles cometeram naquela época. Acontece que a questão agora não é mais Bielefeld ou outro [pastor], não é mais [Bruno/Augusto] Marx ou [Otto] Roedel³⁹; os pontos de conflito acabaram sendo projetados para o nível denominacional: até 1935 nós [ou seja, a Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni] não seríamos luteranos "autênticos", o que [na interpretação dos que se separaram dela] significava que corríamos o risco de não entrar no céu. Agora a gente [isto é, a outra recém-criada comunidade luterana de Teófilo Otoni] faria parte da igreja salvadora, ou melhor,

³⁶ Pastores enviados pela igreja da Alemanha tinham direito a licença remunerada de meio ano na sua pátria a cada seis anos, para visitar familiares e frequentar cursos de atualização ou reciclagem. N. do trad.

³⁷ "Perdoe as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos ofendeu." N. do trad.

³⁸ Vale lembrar que o autor está escrevendo por volta de 1956. N. do trad.

³⁹ Líderes das facções que acabaram se dividindo em duas comunidades luteranas em Teófilo Otoni.

Interessante apanhado histórico da comunidade dissidente se acha em

http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:R-nNtN1xDtkJ:ihgmucuri.org/publisher/uploads/artigo/15_public_41d95f9da40fd439ea32597302584e5c.doc+Hermann+Marx+Te%C3%B3filo+Otoni+luterana&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk . N. do trad.

exclusivamente salvadora e "correta" – "graças a Deus", diriam os batistas⁴⁰, "graças a Bielefeld e Hasse⁴¹", teriam que dizer os luteranos que se separaram.

Na minha época [de pastorado na Com. Ev. de T.O.], a partir de 1936, havia até mesmo quem pretendesse tratar esse conflito em termos de nacionalidade: diziam que nós éramos estrangeiros, os outros [luteranos separados] é que seriam a igreja realmente brasileira, embora constassem oficialmente como distrito do Sínodo Missouri nos EUA! E até hoje [1956] o anuário sobre missão luterana *Lutherisches Missionsjahrbuch* consigna esses membros [dissidentes] sob a rubrica "Batizados" na área de missão Brasil, na mesma categoria dos pagãos missionados na África e na Ásia!

A crise econômica continuava, a agricultura quase nada rendia. Como se não bastasse, ainda vieram as medidas repressivas do governo contra os estrangeiros. No Brasil inteiro, os descendentes dos imigrantes acabaram arcando com as conseqüências de não se envolver ativamente na vida pública e política enquanto brasileiros, como tinha sido a proposta de Koseritz.⁴² Ao invés, ficaram na retranca, deixando a esfera pública aos cuidados dos descendentes dos portugueses, italianos, libaneses e outros. Os descendentes dos alemães imigrantes não tinham lideranças a não ser os pastores, e esses, ora, eram "estrangeiros", estavam sobrecarregados com a assistência espiritual, com a catequese e, em alguns casos, até mesmo com a alfabetização; isso para não falar daqueles que eram ingênuos nacionalistas alemães, a exemplo de Löhe⁴³. A ciência ainda não se tinha debruçado

⁴⁰ Não está claro o sentido dessa alusão, uma vez que se trata expressão de uso comum. N. do trad.

⁴¹ O primeiro, cfe. visto acima, transformou-se em pomo de discórdia na comunidade luterana original. Hasse, pastor luterano "missuriano" no Rio de Janeiro veio a pedido dos insatisfeitos com o pastor Bielefeld (cf. <http://www.celpaz.org.br/nossa-historia.php>). Cfe. *link* da nota anterior, providenciou o encaminhamento de pastor da outra igreja luterana para a facção insatisfeita com o Pastor Bielefeld. N. do trad.

⁴² Karl von Koseritz, 1830 – 1890. Para quem se interessar pela questão da teuto-brasilidade vale a pena conferir http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_von_Koseritz. Comprou briga com jesuítas e pastores. Faleceu repentinamente nos braços da filha que o acompanhou em seus arranca-rabos públicos. N. do trad.

⁴³ Wilhelm Löhe, pastor alemão conhecido por ter iniciado a instituição formadora de missionários e diáconas em Neuendettelsau (Baviera). A emigrantes que se dirigiam para a América do Norte em 1845 ele teria dito: "Alemão que deixar de ser alemão efetivamente será punido nesta Terra, porque tiraram dele todas as vantagens com que Deus de graça o privilegiou, em comparação com as outras nações. E não receberão compensação alguma ao perder esses privilégios." – Com efeito, no Brasil houve pastores alemães que confundiam evangelho com germanidade. Cf. sobre essa temática Martin Norberto Dreher, Igreja e germanidade: estudo crítico da história de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Editora Sinodal, 1984. N. do trad.

sobre o problema dos emigrados. Na maior inocência, até mesmo um homem com a privilegiada formação do pastor Schurich tinha ensinado a seu aluno luso-brasileiro Tristão da Cunha⁴⁴, católico, o poema "*Ich bin ein deutscher Knabe, ich sag es frei heraus*"⁴⁵, "Eu sou menino alemão, digo com toda a franqueza". No empenho de se preservar o legado dos ancestrais, ensinava-se às crianças o desprezo pela língua do Brasil; constantemente se ouvia os pais advertirem os filhos: "*Du sollst nicht schwarz sprechen!*" "Pára de falar 'na língua de preto' !"

Em 1936, não adiantou nada eu fazer um alerta por ocasião da comemoração dos 80 anos de imigração, no Clube Concórdia⁴⁶. Nessa ocasião eu ressaltai que os imigrantes deveriam empenhar-se em ser bons cidadãos brasileiros. Que sua missão histórica era a de contribuir com valores culturais alemães para a jovem cultura brasileira, que ainda estava desabrochando; que deviam ser uma ponte entre as nações brasileira e alemã, de buscar o entendimento entre os povos. É claro que era necessário assimilar a língua e a cultura da sua nova pátria; só que isso não implicava necessariamente que tivessem de abandonar sua língua e cultura alemã. Outros brasileiros, ressaltai na ocasião, faziam o maior esforço para aprender alemão, inglês e outros idiomas, gastando tempo, recursos e energia frequentando escolas e cursos. Ora, os descendentes dos alemães teriam facilidade muito maior nesse aspecto, já que se criavam em dois idiomas desde a infância.⁴⁷

Já na Alemanha prevalecia o pensamento em termos de pequenos estados alemães [independentes], ou o pensamento étnico da "Grã-Alemanha". Até mesmo lideranças alemãs no Brasil simpatizavam com uma passagem de Lutero, da qual faziam uma interpretação errônea: "Eu nasci para os meus alemães, a eles é que

⁴⁴ Avô de Aécio Neves da Cunha, presidenciável, ao que consta. N. do trad.

⁴⁵ Assim como está, essa canção entra na categoria de "*ungoogleable*", "não localizável via Google".

Duas canções entram em cogitação aqui: a de Klopstock (1770), com melodia de Gluck (1770): *Ich bin ein deutscher Knabe und hab' die Heimat lieb...* "Sou menino alemão e amo o torrão natal"; ou *Ich bin ein deutscher Knabe und kann mich dessen freun...* "Sou menino alemão e gosto disso". Também existem paródias em cima dessa temática. O tradutor conheceu muitas canções alemãs antigas, cantadas por ex. depois do culto na casa do Sr. Bellow na Colônia Francisco Sá; mas essas não; certamente caíram em total desuso depois de os alemães apanharem bastante em duas guerras mundiais, quebra-quebra no Brasil etc. N. do trad.

⁴⁶ O Clube Concórdia foi o equivalente alemão do que é hoje em Teófilo Otoni o Clube Sírio-Libanês, por exemplo. Reunia os descendentes de alemães independentemente do seu credo. Na época em que escrevia o autor, o agora extinto Clube Concórdia localizava-se na rua Dr. Onofre, na altura do que hoje é o nº 181, entre as ruas Pastor Hollerbach e a João Lorenz, antes do zigue-zague. N. do trad.

⁴⁷ Essa chance parece ter-se esgotado, entretentes. Cabe o registro de que em 2010 havia uma professora de alemão em Valinhos, SP, nascida e criada em T. Otoni. N. do trad.

quero servir."⁴⁸ Os teuto-brasileiros não aprendiam direito nem alemão nem português. Para enfrentar o desafio que a história lhes colocava, teriam que cursar no mínimo oito anos de uma boa escola. Na Alemanha, muitas crianças que falam dialeto em casa, nem em oito anos de escola conseguem aprender a falar e escrever direito o alemão-padrão. A consequência foi que culturalmente os membros das nossas comunidades acabaram cada vez mais atrasados. Em 1936 alguns rapazes da Colônia São Pedro me confessavam não saber ler. Em compensação, muitos entendiam bastante de cachaça.

Antigamente, a área rural ainda contava com professores com certo nível de conhecimento. Na minha época, a formação da maioria das professoras não tinha ido além do fundamental. Mesmo assim, eram surpreendentes os resultados que elas conseguiam. Suas colegas nas escolas municipais, em parte, tinham formação ainda mais precária, sem falar da sua dedicação, que não era lá essas coisas. Acontece que seus objetivos também eram diferentes. Os políticos que indicavam as professoras municipais estavam interessados em que o pessoal aprendesse a escrever o suficiente para poder ser registrado como eleitor. De resto, que ficassem empunhando a enxada, sem ter a menor idéia de como os mais espertos lhes surripiavam o produto do seu trabalho. O propalado progresso não era para a população rural, e sim para as famílias da oligarquia. Confrontavam-se dois mundos diferentes, duas maneiras de pensar totalmente diferentes.

Em 1936⁴⁹, a única maneira de sustar o declínio geral teria sido instalando uma grande escola, dotada de bons professores e com um internato bem administrado, no qual as crianças pudessem viver num ambiente diferente. Para tanto não havia recursos, colaboradores adequados menos ainda. Em 1937, mesmo antes da onda de nacionalização, comecei a officiar cultos em português, porque devemos anunciar o evangelho a todos naquela língua que melhor entendem. Com muito esforço conseguimos reabrir o internato em 1939. Em 1938⁵⁰ o boletim da

⁴⁸ É questionável se a interpretação era mesmo errônea. Lutero tinha, sim, preconceito contra outras etnias. Por exemplo, usava em tom pejorativo o termo "*welsch*" (que podia significar italiano, francês, valão, gaulês etc., em suma: estrangeiro). Cf. http://woerterbuchnetz.de/cgi-bin/WBNetz/wbgui_py?sigle=DWB&mode=Vernetzung&hitlist=&patternlist=&bookref=27,1327,56. N. do trad.

⁴⁹ Ano em que o autor assumiu o pastorado na comunidade. N. do trad.

⁵⁰ Esse ano marca o início da Campanha de Nacionalização: "obrigação do ensino do português, obrigatoriedade das escolas terem nomes brasileiros, só brasileiros natos podiam ocupar cargos de direção, os professores deviam ser brasileiros natos ou naturalizados graduados em escolas brasileiras, as aulas deviam ser ministradas em português, proibido o ensino de línguas estrangeiras para menores de 14 anos, subvenções provenientes de governos e instituições estrangeiras foram

comunidade [que era em alemão] não pôde mais ser publicado. Tiveram a cortesia de não proibi-lo, só o custo da impressão foi jogado lá nas alturas. Além disso, eu tinha minhas dúvidas quanto ao número de pessoas que ainda conseguia lê-lo. Muito poucos pagavam por ele.

Em 1939, tirei o *Heimaturlaub* [a usual licença periódica para estudos suplementares e visitar os familiares na Alemanha]. O pastor Zwilling veio me substituir. Com a eclosão da guerra, fiquei impedido de retornar. A partir de 1942, meu substituto não pôde mais atender a comunidade. Em 1943 o pastor Bielefeld veio morar com sua filha; assim como todos os demais pastores, ele não tinha mais permissão para exercer o ministério no Espírito Santo. Aos poucos, começou a atender a comunidade na medida do possível e do que lhe permitiam seus conhecimentos da língua portuguesa.

A igreja, a escola e o internato estavam desmantelados, saqueados e ocupados.⁵¹ Na nova casa pastoral, construída em 1939, tinha entrado um inquilino que não mais queria sair. A casa pertencente à OASE continuava alugada. Nessa questão, mesmo depois da guerra (e até hoje [1962?]), a lei de proteção aos inquilinos gerava situações absurdas.

Somente em maio de 1947 consegui voltar para a minha comunidade. Estava completamente desanimada. Amargurada, a antiga diretoria não se sentia mais em

proibidas, instituição das matérias obrigatórias de educação moral e cívica, e educação física (que devia ser ministrada por instrutores militares)."

"Em 1939 novas medidas foram implementadas: a proibição de falar idiomas estrangeiros em público, inclusive durante cerimônias religiosas (o Exército deveria fiscalizar as "zonas de colonização estrangeira"). As associações culturais e recreativas tiveram de encerrar todas as atividades que pudessem estar associadas a outras culturas."

"Também os meios de comunicação foram afetados, com a censura de programas de rádio e as restrições à imprensa em língua estrangeira. Em uma primeira fase os jornais foram obrigados a ter um redator brasileiro (incumbido da censura) e publicar edições bilíngües e artigos patrióticos de autores brasileiros. Depois veio a proibição definitiva, com o desaparecimento da maioria dos jornais e revistas afetados. Os nomes de ruas, letreiros e cartazes das lojas e fábricas, e o nome de clubes e associações foram afetados." Extraído de:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_de_nacionaliza%C3%A7%C3%A3o . N. do trad.

⁵¹ Este tradutor lembra-se de uma das portas da escola primária, em 1956-58, estar marcada "Almoxarifado", dos tempos em que foi ocupada pelo "Tiro de Guerra", como então se costumava chamar a unidade militar sediada em Teófilo Otoni. N. do trad.

condições de enfrentar a situação; e a idéia de assumir o leme nem passava pela cabeça dos homens mais jovens.

Quem muito batalhou pela recuperação dos imóveis e dos sinos⁵² foi o sr Armando E. Neumann, presidente da comunidade de meados de 1947 até o início de 1949. Infelizmente, por diversos motivos, não tive mais condições de colaborar com ele a partir de meados de 1949. Os detalhes desses anos em que minha saúde acabou desgastada precisam ficar para uma historiografia futura; os documentos existem.⁵³ Algumas coisas aparecem em relatórios impressos em outra parte.

Em 1958 o atendimento espiritual da comunidade foi vicariamente assumido pelo ex-pastor da igreja episcopal Max Kersten. Em 1959 chegava o atual pastor, Walter Dörr. Começava então uma nova etapa na história da Comunidade Evangélica de Teófilo Otoni.

Ela comemora seu centenário numa época difícil e perigosa. A humanidade está sendo ameaçada por bombas atômicas. Russos e americanos, o bloco do leste e o bloco ocidental não conseguem se entender. Transformaram o mundo inteiro em cenário dos seus conflitos. Uns querem a revolução mundial e acreditam que o paraíso eclodirá sobre a Terra contanto que todos povos sejam comunistas. Os outros procuram combater a influência comunista. Uns dizem que a liberdade está do lado de cá, e a escravidão, do lado de lá. De um lado, haveria direitos iguais para todos; do outro, quem mandaria é o capital, com exploração dos economicamente menos dotados pelos capitalistas, dizem os outros. Em vez de viver uns para os outros, servindo-se reciprocamente, os povos e as classes agem uns contra os outros, o tempo todo há conflito em algum lugar do mundo.

O Brasil, hoje, é um dos focos dessa luta. Estudantes e trabalhadores urbanos e rurais rebelam-se contra o domínio de um grupo privilegiado de gente de posses. Como realmente muita coisa está mal, a propaganda cai em solo fértil. Já que ninguém quer renunciar a seus direitos e privilégios "legitimamente adquiridos", a situação fica cada vez mais crítica, e o rancor, cada vez mais virulento.

Esta não é uma época propícia para comemorações de jubileu. Além disso, o que se constata como resultado de 100 anos de história da comunidade não dá muito motivo para júbilo. A vontade que dá mesmo é de cair num canto de lamúria. O patrimônio cultural dos imigrantes, em boa parte, não era lá essas coisas. Aqueles que, em meados do século XIX, resolveram deixar sua terra natal na Alemanha e na

⁵² Quanto aos sinos, o autor contou a este tradutor/filho que alguém teria identificado seu timbre ao repicarem numa igreja católica em Belo Horizonte. Foram reconduzidos à comunidade. Detalhes em NEUMANN KEIM (cf. acima nota 3), p. 361ss. N. do trad.

⁵³ Cf. NEUMANN KEIM (acima, nota 3) p. 374. N. do trad.

Suíça eram, em sua quase totalidade, pessoas para as quais a própria terra natal tinha sido uma madrasta. Saíram da frigideira para cair no fogo. De forma alguma estavam preparados para enfrentar os desafios com que aqui se depararam. Na formidável adaptação a que tiveram que se submeter, não tiveram a orientação de pessoas conhecedoras do meio, dotadas de alguma visão. O pequeno grupo, que de origem pouco tinha em comum, estava completamente isolado, jogado num ambiente de outra religião, outra língua e mentalidade diferente e muitas vezes bastante hostil. Nesses 100 anos, em muitos aspectos, não progrediram, e sim o contrário.

O problema da escola era insolúvel desde o começo; até hoje [1956], não há como solucioná-lo de modo satisfatório.

A unidade eclesial, de um modo geral surpreendentemente conseguida pelo pastor Hollerbach, não pôde ser preservada. Se ele na época conseguiu juntar numa única comunidade saxões, hanoveranos, prussianos e suíços (para vergonha das respectivas igrejas-mãe [desunidas]), os membros da comunidade hoje [1956] têm parentes entre os adventistas, luteranos separados, presbiterianos e católicos; também há quem não pertença a igreja alguma.

É surpreendente que a comunidade sempre tenha conseguido pastores. O primeiro até chegou a ser provido pelo governo brasileiro. O segundo veio da [renomada instituição formadora de teólogos] *Domkandidatenstift* em Berlim. Já o terceiro era totalmente diferente dos seus antecessores. Não tinham apoio algum de fora e na verdade tiraram água de pedra. Mesmo assim, em 1947 a comunidade tinha chegado a um ponto tão crítico que parecia confirmar os mais sinistros prognósticos de que ela sucumbiria ao meio hostil. Mas Deus a resgatou mais uma vez.

CRONOLOGIA ⁵⁴

Antes de 1750: a região do Mucuri era habitada exclusivamente por índios.

Por volta de 1750: o primeiro [de fora] a se assentar na região foi o Mestre de Campo⁵⁵; ante os constantes ataques dos Botocudos, recuou para Minas Novas.

1811: Coronel Bento Lourenço Vaz de Abreu manda abrir uma picada para ligar Minas Novas a São José de Porto Alegre [hoje Mucuri, divisa de ES e Ba no litoral.]. O ministro Conde da Barca resolve construir uma estrada ali, porém retorna para Portugal [sem levar o plano a cabo].

A partir de 1818, colonização de Santa Leopoldina, no sul da Bahia, por alemães, franceses e suíços. Tratava-se de grandes fazendas baseadas na mão-de-obra escrava.

9 de outubro de 1835: nasce em Wertheim (província alemã de Baden) o pastor Johann Leonhard Hollerbach.

1837: o comerciante prussiano Luiz Moretzsohn, em Ouro Preto, apresenta ao governo provincial a proposta de fundar uma companhia de colonização para o assentamento de "poloneses, alemães, prussianos e integrantes de outras nacionalidades" no Mucuri, sem que isso viesse a comprometer a "Colônia para Desterrados e Vagabundos", cuja criação estava em cogitação naquela época.⁵⁶

A partir de 1841 Theophilo Benedicto Ottoni envida esforços para criar uma ligação entre o norte de Minas e o oceano.

29.5.1847 é legalizada a Companhia de Comércio e Navegação do Rio Mucury (sob a direção de Th.B. Ottoni).

Agosto de 1852. A localidade que depois viria a ser a cidade de Teófilo Otoni é por ele denominada Philadelphia (ou Nova Philadelphia). (Segundo alguns autores, esse nome teria sido dado pelo engenheiro alemão Robert Schlobach).

1853. Por sugestão de Robert Schlobach, Th.B.Ottoni começa a negociar um contrato para o fornecimento [*sic*, *Lieferung*] de 2000⁵⁷ agricultores alemães.

⁵⁴ No original consta *Vorgeschichte*, "Preliminares históricos". Não tendo o manuscrito original recebido redação final pelo autor, não ocorre novo subtítulo nesta seção que relaciona dados históricos pontuais até 1959. As fontes do autor devem ter sido relatórios e cartas dos pastores, talvez também atas de reuniões. N. do trad.

⁵⁵ Comandante de um regimento, hoje equivalente a coronel, segundo Aulete. N. do trad.

⁵⁶ Esse projeto revela a ótica do governo sobre a região, na época. N. do trad.

⁵⁷ Atente-se para o número, que voltará à baila abaixo. N. do trad.

7.9.1853. [O alemão] Robert Schlobach realiza a agrimensura da rua principal, por incumbência do diretor da companhia T.B. Ottoni, sendo em seguida realizada a inauguração do futuro centro de colonização. Naquela época já existiam almoxarifado, a casa do administrador da colônia e algumas construções provisórias. A caserna estava em construção.

1854. A Companhia Mucuri fecha contrato com a empresa Schlobach & Morgenstern, de Leipzig, no qual essa empresa se compromete a conseguir colonos para Philadelphia.

1855? Holandeses são assentados em Urucú [hoje Epaminondas Otoni].

27.6. 1856. Chegam em Philadelphia os primeiros colonos europeus: 24 suíços (convidados pelo cônsul brasileiro na Suíça) e 130 alemães teriam chegado nesse ano. - (Entretanto, o frei Samuel Tetteroo afirma que já em 1855 teriam chegado 130 alemães; e que em 27.6.1856 teriam sido quatro famílias suíças que no total somavam 37 almas.)

Como os colonos da Europa acarretavam muita despesa para a companhia, desde o começo ela procurou conseguir famílias nativas [para a colonização]. Dessa maneira, a população dessa colônia teria atingido já em 1856 o número de 2000 [previsto no contrato, cfe acima].

1857 e anos seguintes: Chegam alemães, holandeses, belgas, franceses (da Alsácia⁵⁸). Tinham sido convidados pela Sociedade Central de Colonização, pelo agente Moritz Horn em Hamburgo, pela Schlobach & Morgenstern e um certo Sr. Schmidt, que teria recebido essa incumbência do cônsul brasileiro em Hamburgo.

A companhia tinha se dirigido a todas essas organizações e pessoas no intuito de acelerar o desenvolvimento da região. O problema foi que ela não esperava tantos imigrantes em tão pouco tempo; não estava preparada para recebê-los. Alguns imigrantes também tinham recebido promessas enganosas. A adaptação foi muito difícil. Durante certo período de seca faltou alimento. Na casa dos imigrantes no Baixo Mucuri houve um surto de doenças. Muitos colonos deixaram a colônia.

1858? Rixa partidária entre políticos brasileiros interfere no andamento das coisas: Dr. [Robert Christian] Avé-Lallemant visita a área de colonização. Ao que parece, era cobra mandada dos adversários políticos do fundador, os quais queriam que Lallemant fizesse propaganda botando defeito no empreendimento. Seus relatos

⁵⁸ Essa região, hoje na França, sempre teve população de fala alemã, tendo feito parte da Alemanha entre 1870 e 1918 e também em outros períodos; isso talvez explique o envolvimento desses “franceses” na imigração de que estamos tratando. N. do trad.

são realmente estarrecedores; como ele cita nomes e detalhes, não podem ter sido inventados.

5.4.1862. Chega no Rio de Janeiro o pastor Hollerbach, conforme comunicação do *Basler Missionshaus* ao governo brasileiro, o qual pretendia mandá-lo para Petrópolis e Juiz de Fora. Para que os colonos do Mucuri não ficassem mais tempo sem pastor, ele deixou Petrópolis a cargo do seu colega de ministério, de nome Ströle, para ir para Philadelphia como pastor comissionado pelo governo brasileiro. Em 26 de abril de 1862 ele embarca no Rio de Janeiro⁵⁹.

No relatório do Ministro da Agricultura consta o seguinte:

As colônias são duas: Santa Clara ou Baixo Mucury (Subdiretor Barão von Zaskow) com 78 almas (nas localidades Barreado, Macacos e São Mateus) e Todos os Santos (Diretor Barão O'Byron) com 409 almas: Cana Brava 7, Sant'Ana 3, Santa Maria 27, Todos os Santos 83, São Jacinto 136, Santo Antonio 55, São Benedito 62, Philadelphia 36: [Esses se compõem de] 316 alemães, 88 portugueses, 31 belgas e franceses, além de 52 de diversas nacionalidades; sem contar 52 crianças, tratava-se de 270 evangélicos e 165 católicos. O Ministério [da Agricultura] salienta que uma das prioridades seria conseguir um pastor evangélico.

23.5.1862. O pastor Hollerbach chega em Philadelphia com contrato do governo imperial brasileiro. (Salário anual de Rs 800\$000).

29.5.1862. Primeiro culto (?) no prédio administrativo da companhia.

9.6.62 Inauguração da primeira igreja (de madeira).

De uma carta⁶⁰ de 7 de julho de 1863: na Colônia Militar de Urucu [hoje Epaminondas Otoni], conforme o registro de famílias da comunidade, havia cerca de 400 almas com as seguintes origens: Saxônia, Baden, Württemberg, Alsácia, Renânia-Hessen, Pomerânia prussiana, Holstein, Hannover, Hamburgo, suíços da Alsácia, belgas, holandeses (cerca de 20), um francês, um inglês etc. Moravam dispersos numa distância de até 50 horas uns dos outros. [Pastor Hollerbach]

⁵⁹ Cabe esclarecer que naquela época o deslocamento do Rio para Teófilo Otoni exigia a viagem de navio do Rio até Caravelas, sul da Bahia, de lá em barcas pelo rio Mucuri até a cachoeira de Sta. Clara, hoje Nanuque, mais 170 km em lombo de burro até T. Otoni. N. do trad.

⁶⁰ Possivelmente do pastor Hollerbach. Confirma o final do parágrafo. N. do trad.

também atendia regularmente Leopoldina [no sul da Bahia, cf acima "'1818"] e esteve uma vez em Salvador, São Félix e Recife⁶¹.

Quanto à escola [escreve o pastor Hollerbach], pouca coisa pôde ser feita. "Vou tentar conseguir algum dinheiro na Alemanha para então tentar construir uma casa e manter lá as crianças [i. é, alunos] durante a semana." – Dos 9 confirmandos da 2ª turma, 4 já não sabiam ler.

23 de julho de 1865: a diretoria da comunidade solicita à comunidade do Rio de Janeiro que considere a de Philadelphia como filial sua. A comunidade do Rio de Janeiro, respondendo, declarou-se disposta a sempre ajudar a nossa [comunidade] dando orientação e apoio.

1888. Inauguração da igreja em alvenaria na Praça Germânica. A praça foi doação do governo. Antes, tinha sido um brejo. Igreja de 18 x 7m.

19 de agosto de 1868: novos imigrantes.

1880: 2 prazos [≈ lotes] urbanos foram doados pelo governo para a casa pastoral e escola.

Novembro de 1885: Albert Schirmer confecciona dois letreiros de parede e os doa para a igreja. ([Ali constava:] "Louvado seja Jesus Cristo em eternidade. Amém")
Novembro de 1888 : H. Schröder faz a doação das duas palmeiras imperiais na frente da igreja.

Observação do tradutor:

Essas palmeiras imperiais e a igreja antiga podem ser vistas numa reprodução em jogo de porcelana lançado no centenário da cidade em 1953. Trata-se de fotografia feita por ocasião da chegada do Pastor Schurich em 1902. Aqui inserimos foto do respectivo prato:

⁶¹ Cidades em que também havia alemães evangélicos, ligados, por ex., à produção de fumo, provavelmente com mão de obra escrava, à diferença dos "colonos" que vieram para T. Otoni. N. do trad.



10 de julho de 1899: falece o pastor Hollerbach

A partir de 1896? Adventistas.

Já na época do pastor Hollerbach eram feitas coletas para [os asilos de] Pella e Bethel⁶².

1902-1908 [foi o período de atuação do] Pastor Theodor Sigismund Schurich, nascido em 27 de dezembro de 1869 (cfe. currículo). Ele chega em Teófilo Otoni em 2 de janeiro de 1902. Casado desde julho de 1902. Em 1908 a comunidade contava com cerca de 1000 almas. Membros contribuintes eram cerca de 120. Idioma: na colônia preponderava o alemão; na cidade, o português.

Em 12 de agosto de 1905 a comunidade foi integrada na igreja prussiana mediante decreto do imperador⁶³.

28 de janeiro de 1906: estatutos da comunidade. Direitos de pessoa jurídica: "Estamos prestes a... [consegui-los?]" Patrimônio da comunidade: igreja, casa pastoral, prédio escolar, cemitério. O total das contribuições dos membros da

⁶² Possivelmente o autor quisesse dizer "Pela e Betânia", asilo em Taquari, RS, fundado em 1892.

"Bethel" é uma grande instituição semelhante na Alemanha. N. do trad.

⁶³ Pela lógica, só pode tratar-se do imperador alemão. N. do trad.

comunidade perfaz cerca de 2300 mil réis. Os cultos são exclusivamente em alemão; muito raramente algum ofício [tipo batismo, casamento, sepultamento] é celebrado em português. O hinário utilizado é o da província de Brandenburgo. Cultos todos domingos e feriados. Frequência média: 50. Houve 40 batismos, 19 confirmações, 6 casamentos, 12 sepultamentos. Comungantes [na Santa Ceia] 140 - 150. [Criou-se uma] Associação de Senhoras e Moças principalmente para ajudar famílias carentes no Natal. Proventos do pastor: 2000 mil réis fixos, cerca de 300 mil réis em pés-de-altar⁶⁴, 600-700 mil-réis da escola. – A escola é mantida exclusivamente pelas mensalidades escolares. O pastor é diretor e único professor da escola, recebendo ajuda da sua esposa, ex- professora em Charlottenburg [Alemanha]. São 21h de aula semanais. Uma classe única com 25 alunos e 15 alunas. Das aulas de religião também participam os cerca de 5 brasileiros [sic].

13 casais de credo misto [= um cônjuge católico, outro, evangélico] fazem parte da comunidade. Cerca de 20 membros foram perdidos em função de casamento com católicos. – Visita do pastor Braunschweig.

1908-1914 Pastor Emil Mentler.

[1908] Pastor Emil Mentler, nascido em 9 de março de 1866. Completou o 2º grau em nível de *Abitur* em Detmold 1888. Estudo superior em Bonn e Halle 1888/92. 1º Exame [teológico] 1892, 2º Exame 1896. Atuou bastante tempo no serviço escolar, por último na escola particular de 2º grau em Werther; por ordem da direção da igreja *Evangelischer Kirchenrat* foi ordenado em 10 de maio de 1908 em Werther, na Westfália, perto da cidade de Bielefeld. – Em T. Otoni desde julho de 1908. Casado desde 1899. Atuou na escola a partir de 15 de julho de 1908.

1908: Frequência nos cultos: 50-60 pessoas; batismos 37; confirmações 24; casamentos 2; falecimentos 16; comungantes cerca de 160. – A Associação de Moças revela intenção de incentivar o canto na igreja.

O pastor é diretor da escola e leciona 15 aulas por semana em língua alemã. As aulas de português são ministradas por um membro da comunidade, que na época do pastor Schurich foi eleito na reunião de diretoria para 10h semanais. Uma [única] classe de 24 meninos e 16 meninas.

1909: [A comunidade passou a ter] direitos de pessoa jurídica a partir de 9 de setembro de 1909 . – Estudo bíblico e noitadas de entretenimento uma vez por mês na cidade e nas colônias. A Associação Alemã de Canto Masculino e a Associação de Mulheres e Moças contribuem para as atividades da igreja e para a melhoria do

⁶⁴ Rendimento arrecadado pelo pároco em batizados, casamentos etc. N. do trad.

canto sacro. Existe a proposta de fazer assembléias da comunidade e de reunir todos os jovens a serem confirmados. – O pastor ministra 20 horas-aula. As aulas em português são dadas por professor contratado e pago pelo governo português [sic]. A partir de outubro de 1909 membro da comunidade (Lusobras). 34 alunos e 23 alunas. São realizadas visitas nas casas. A direção da igreja na Alemanha OKR promete 1000 marcos para a construção de escola. Em Sant'Ana é tomada a decisão de se construir uma escola; professores capacitados existem, mas o dinheiro coletado não é suficiente. A Igreja Evangélica na Alemanha é solicitada a ajudar.

21.5.09 Assembléia de fundação da Ordem Auxiliadora de Senhoras. Imediatamente após a fundação foi remetido um pedido à organização co-irmã na Alemanha *Frauenhilfe fürs Ausland* solicitando uma irmã[-enfermeira].

1910: A escola em Sant'Ana é inaugurada em 14 de agosto de 1910. Hinário [utilizado é o do território de] Brandenburgo; nas colônias: [*Evangelisches*] *Liederbuch für Deutsche im Ausland* [Hinário evangélico para alemães no exterior]. Frequência nos cultos: 60-70. Batismos 50, confirmações 23. A Associação de Canto Masculino formou um coro misto em cooperação com a Associação de Senhoras e Moças. (Os dois filhos mais velhos⁶⁵, de 10 e 8 anos, [são] internados na [instituição de caridade] Petristift em Höxter [Alemanha] a partir de janeiro de 1911.) 26 alunos, 25 alunas. Depois da confirmação na Páscoa: 16 + 18 [alunos].

1911: 103 membros pagam integral, 30 a metade. 180 comungantes.

1912: cerca de 1100 almas. 125 contribuintes integrais, 28 pagam meia. A partir de 1912: [*Evangelisches*] *Liederbuch für Deutsche im Ausland* [Hinário Evangélico para Alemães no Exterior]. O filho mais velho⁶⁶ falece na Alemanha. O pastor ministra 22h-aula por semana. As aulas em português são lecionadas por membro remunerado pelo governo brasileiro a partir de outubro de 1912 (uma brasileira [sic]). 23 + 18 alunos. – Também desta vez houve pequena celebração festiva na véspera do Natal na igreja, uma encenação de Natal "Paz na terra", bem aplaudida, como sempre; até mesmo os jornais locais em português manifestaram efusivo reconhecimento. Os jovens alemães [sic⁶⁷] infelizmente tendem muito para

⁶⁵ Provavelmente se trata de filhos do pastor Mentler. N. do trad.

⁶⁶ Provavelmente do pastor, cfe. conjectura na nota anterior. N. do trad.

⁶⁷ O autor, aqui, provavelmente copia de relatório do Pastor Mentler, como também se percebe mais adiante no mesmo parágrafo. Na ótica do direito alemão, alemão é quem é filho de alemão (*ius sanguinis*), mesmo nascido em outra terra. No Brasil vigora o *ius solis*: quem nasce no Brasil é brasileiro. Resumindo: mesmo dizendo "jovens alemães", Mentler e, por tabela, Schlupp se referem aos descendentes dos imigrantes, nascidos no Brasil. N. do trad.

usos e costumes brasileiros; sua principal diversão é dançar e caçar. É difícil despertar seu interesse pela leitura de bons livros que temos na biblioteca da comunidade assim como na Associação Alemã de Canto Masculino. Esta, ano passado, criou uma biblioteca para seus associados. Continua acontecendo que membros não muito participantes se deixem conquistar pela seita dos adventistas. – A comunidade alemã corre grande perigo de se diluir em outro povo caso não haja imigração de pessoas capazes [*tüchtige Elemente*] para a região do Mucuri. – O preço do café está bom, faz pouco que os custos de transporte para o Rio baixaram. – Um segundo prédio escolar ainda não foi construído porque o empreiteiro adoeceu; talvez na Páscoa.

1913: ca. de 1000 almas. 121 membros pagam a contribuição integral (20\$[000] [vinte mil-réis]) e 27 pagam a metade (10\$000). – Direitos de pessoa jurídica [concedidos] definitivamente em 15 de dezembro de 1913. – Bens: "Segundo prédio escolar para o ensino de português"; "um prédio escolar na Colônia Sant'Ana". – 59 batismos, 28 confirmações, 10 casamentos, 16 falecimentos. – Frequência baixa, falta de tempo [do pastor], caminhos precários limitaram o encaminhamento de estudos bíblicos e de reuniões de entretenimento à noite⁶⁸!

A Associação de Canto Masculino Concórdia contribui para a preservação do canto sacro e folclórico. Canta no Natal, Páscoa, Pentecostes, ocasionalmente ampliado como coral nisto. – Reunião da Ordem Auxiliadora de Senhoras todo último domingo do mês visando conseguir parteira com formação profissional na Alemanha por intermédio da "Ordem Auxiliadora de Senhoras Alemãs para o Exterior". A partir 1º de abril de 1909 inscrição na caixa de pensões para o clero evangélico e no fundo para viúvas e órfãos de pastores. A renda anual que dá direito a aposentadoria é fixada em 4200 M⁶⁹. – A diretoria da escola é formada por pastores, diretoria da comunidade e mais três membros da comunidade.

⁶⁸ Digno de nota é que o entretenimento também fazia parte das tarefas do pastor. Tudo a ver com o *Kulturprotestantismus*. N. do trad.

⁶⁹ Certamente M = mil réis. N. do tr.

Levantamento sobre os últimos dez anos da escola:

	Número de alunos	Receita mensalidades	Ajuda do <i>Reich</i> [Império alemão]
1902	50		300
1903	57		300
1904	64		300
1905	52		300
1906	53	700 M	300
1907	45	700 M	100
1908	55	832	200
1909	55	1.050	300
1910	38	882	300
1911	40	860	300

Professora a partir de 1912: Nanã Lopes, católica (1200 M do governo).

A nova sala de aula deverá custar 2500 M, dos quais 1600 já estão disponíveis.

1914-21 Pastor Wilhelm Fricke

1920: A Associação de Senhoras nomeia a irmã Hedwig Zetsche como parteira; depois ela se fez autônoma até se ver obrigada a voltar para a Alemanha por motivo de doença.

1921-27 Pastor Eugen Pagé.

1922-24 Novos imigrantes: Colônia Francisco Sá (Cedro etc)

1926 Fundação da Associação Escolar.

1927-36 Pastor Carl Bielefeld

1.2.27 Professor W.A. Reuters atua na escola da Associação.

1.7.27: Pastor Bielefeld passa a atuar na escola.

Outubro/novembro de 1928: pastor Bielefeld viaja para a inauguração da nova igreja no Rio de Janeiro.

22.11.1928 Chegada da irmã Esther Bielefeld

1.4.28 Professora Hortência de Belli na escola da Associação.

Numa casa alugada instala-se um hospital.

Janeiro de 1929 é criado o Boletim da comunidade [em alemão] (218 assinantes).

14.2.29 - Sra. Bertha Rudolph renuncia ao cargo de presidente da Associação de Senhoras por motivo de idade. É eleita a Sra. Bielefeld. Sra. Rudolph é feita

membra honorária⁷⁰. Outros membros honorários: O[tto] Roedel, Fr[jedrich] Roedel, A[ugust]. Marx. W. Rausch, Fr[jedrich] Hollerbach.

1929 são iniciadas as devocionais nas noites da Semana Santa. – De 17 a 20 de Janeiro pastor Hoepffner visita Teófilo Otoni por incumbência da igreja evangélica [EVK]. Fez visitação em São Benedito, São Pedro, Francisco Sá, São João, Sant'Ana, Poton e Cedro! Dia 21 de janeiro ele faz a pregação. Às 13h assembléia da comunidade evangélica. É tomada a decisão de filiar-se ao Sínodo Brasil Central.

5 de maio festa escolar no Salão Roedel⁷¹, completamente lotado. Teatro de fantoches.

São Jacinto: pede demissão o professor Kreuzer. [Sr.] Bendrath assume a escola. (19 alunos)

7 de julho [de 1929]: Festa da Colheita (pela primeira vez). Para o bem do hospital, Sra. Bielefeld [=irmã Esther?] assume a obstetrícia e o cuidado das mães-recentes. [... ilegível]. Coral da igreja. Todos os domingos: às 9h hora de canto na igreja, às 10h culto, às 11h culto infantil; às 3h reunião das moças, às 7h reunião dos rapazes. À tarde culto nos pontos de pregação na colônia. Uma vez por mês reunião dos jovens à 1h. Prática de canto nas sextas-feiras 3h: São Benedito; 12h Sant'Ana; 3h São João; 10h Valão, 3h São Pedro, 10h Francisco Sá.⁷²

1930-35 Internato sob a direção do pastor Bielefeld.

1930: Ao final da assembléia da comunidade em 19 de janeiro o doutor Richter faz uma invectiva contra o pastor. Em 21 de janeiro de 1930 toma-se a decisão de fechar o hospital. Pentecostes de 1930: assembléia extraordinária da comunidade, na qual são rechaçados os ataques do Dr. Richter.

6/11/32 novos bancos na igreja. – Somados os alunos da escola mais os confirmandos, totalizam 119 crianças ! No internato: 33 crianças.

Junho [de 1930]: o pastor Bielefeld e O[tto] Roedel participam da assembléia sinodal em São Paulo (é confirmada a inclusão de Teófilo Otoni na comunidade [de

⁷⁰ Supõe-se: membro honorário da comunidade, a julgar pelos senhores em seguida mencionados. Ou será que a OASE teria membros honorários homens? N. do trad.

⁷¹ Trata-se de casarão de grande visibilidade atrás do que hoje é a Clínica Veterinária São Francisco, à rua Mário Campos 110. Como se observa em prédios construídos naquela época em regiões de colonização alemã por todo o Brasil, o Salão Roedel ostenta na fachada o ano de sua construção: 1916. N. do trad.

⁷² Os horários são incompatíveis entre si. Seja como for, é impressionante a frequência com que o pastor (subentendido, no caso) liderava a prática de canto. Este tradutor se lembra de, quando criança, acompanhar o pai / autor / pastor numa dessas ocasiões. N. do trad.

São Paulo?⁷³). – Crianças [passam a ser acolhidas] na casa pastoral (início do internato para alunos). A comunidade tem o compromisso ["*Gemdeschuld*"] de ensinar alemão e religião. As crianças frequentam a pré-escola brasileira. – Acrescenta-se São João aos 8 pontos de pregação existentes.

Julho/agosto: Dr. Pamperrien, vice-cônsul [alemão] tentou intermediar no conflito da escola. Os adversários do pastor Bielefeld não aceitaram.

1931: Visita do prepósito Funke. A casa da senhora Holl[erbach] é transferida para [o nome d]a comunidade. – [Há] escolas em São Benedito, São João, São Pedro e [ilegível]. 38 alunos no internato da escola.

1933-35 pastor-vigário Alfred Busch assume a função de substituto em 14 de maio de 1933. Bielefeld parte em licença de meio ano para a terra natal. – 15 de janeiro [de 1933?] inauguração do altar e do púlpito. – Novembro de 1933: Pastor Hasse⁷⁴ em Teófilo Otoni.

5/6/35 Solenidade de despedida para o pastor Busch. – A partir de 1 ° de fevereiro Carl Bielefeld Júnior é professor na escola.

1936-39 Pastor W.J. Schiupp: Instalação em 26/1/36, no culto de despedida do Pastor Bielefeld. Maio de 1936: A assembléia da comunidade resolve solicitar a permanência do Pastor Walter Schlupp. – Outubro de 1938: a diretoria decide solicitar um diácono. (Não recebeu resposta!).

1937: Elfriede Roedel professora na classe inicial. – Exposição Agropecuária. – 20 de junho de 1937: primeiro dos cultos mensais em português. A renda da Festa da Colheita é destinada para a irmã-enfermeira da comunidade. (Depois seria praticamente impossível. Por isso esperar até que uma daqui...) – O governo exige muro no cemitério.

1939-42: Pastor Hans Zwilling.⁷⁵

1939-42 Internato.

1942: A igreja é saqueada.

1943-47 Pastor C. Bielefeld.

⁷³ A comunidade já havia solicitado ser filial da comunidade do Rio de Janeiro anteriormente, cf. acima 23 de julho de 1865. N. do trad.

⁷⁴ Cf. acima nota 39. N. do trad.

⁷⁵ Cabe informar aqui que o autor, entretimes casado com a teófilo-otonense Wilma Roedel, havia se licenciado temporariamente da comunidade em 1939, para usufruir a já descrita licença periódica na terra natal, a que os pastores enviados da Alemanha tinham direito a cada seis anos. Durante sua estadia nesse país, deflagrou-se a 2ª guerra mundial; só conseguiu retornar em 1947, ou seja, oito anos depois, para novamente assumir a comunidade. N. do trad.

1947-58 Pastor W.J.Schlupp. 1948 coleta para reconstrução em ... [ilegível]. 1952 [coleta] para Acesita.

1948 Internato provisório.

1949 Restauração provisória da antiga igreja (40 contos).

1950 Páscoa: colocação da pedra fundamental da nova igreja.

Dezembro de 1950: "Folha Evangélica" é publicada em *Jdt*⁷⁶

1951 Reabertura do internato.

1953 Celebra-se o Centenário de Teófilo Otoni.

6 de setembro de 1953: Inauguração da nova igreja. 8:30h colocação de coroa na sepultura do pastor Hollerbach. – 9:30h despedida da igreja antiga. – 10h inauguração da nova igreja. (Mais de 900 contos). (A coleta para a diáspora⁷⁷ de 1953 foi destinada para Teófilo Otoni).

1956 Harmônio [Bohn] nº 7, [saído da fábrica em] 25 de junho em Novo Hamburgo. (Expedido no Rio de Janeiro em 23 de julho). – Centenário da Colonização Alemã: 8/7 ([culto em] português). - 15/7 ([culto em] alemão) com a presença do embaixador alemão, entre outros. – 10 de julho deposição de coroa⁷⁸ e à noite palestra sobre Hollerbach.

1957: 84 alunos.

1958-59 Rev. Kersten.

1959 [=] hoje Pastor Walter Dörr.

⁷⁶ Talvez a intenção do manuscrito tenha sido *JdF*, que poderia significar "Juiz de Fora" (sugestão do prof. Dr. Martin N. Dreher). N. do trad.

⁷⁷ "Diáspora", no caso, se refere a comunidades luteranas alemãs dispersas fora da Alemanha, entre elas a de Teófilo Otoni. Ofertas eram periodicamente coletadas na igreja alemã visando apoiar o trabalho em determinada comunidade luterana carente mundo afora. N. do trad.

⁷⁸ Certamente na sepultura do Pastor Hollerbach. N. do trad.